

Assembleia decide intensificar mobilização

Todos à luta por aumento real de salários e ampliação dos direitos!



No último domingo, os trabalhadores discutiram e avaliaram o andamento da Campanha Salarial e defini-

ram a intensificação da nossa luta e da organização nos locais de trabalho para pressionar patrões e conquistar aumento real nos salários.

Até agora, as reuniões de negociação não avançaram: os sindicatos patronais não apresentaram proposta alguma de reajuste, embora tenhamos claro que a choradeira não condiz com a realidade que estamos vivendo.

Em nosso último Boletim Unificado, apresentamos gráficos com dados retirados dos próprios sindicatos patronais, que mostram o crescimento da pro-



dução e produtividade, que é o faturamento por trabalhador, comprovando que as empresas estão faturando, e muito, nas costas dos metalúrgicos e das metalúrgicas.

Sem contar o presente de pai para

filho, como os incentivos fiscais e a desoneração da Folha de Pagamento, dado pelos governos aos empresários, que prejudicam ainda mais os trabalhadores.

Companheiras e companheiros, enquanto amargamos as longas jornadas, a pressão, endividamento e o adoecimento, os patrões enchem seus bolsos. É a acumulação em cima da exploração!

Acordos fechados engessam negociações

Esta campanha salarial apresenta uma enorme dificuldade, que são os vários acordos rebaixados, assinados com validade de quatro ou cinco anos, por sindicatos pelo país afora, filiados às centrais pe-

gas, Força Sindical, CUT e CTB e outras, como o do ABC e Taubaté, que não avançam nas questões econômicas e ainda retiram direitos dos trabalhadores.

Nossa organização e nossa luta são cada vez mais fundamentais!

Desde o início da Campanha Salarial, várias assembleias foram realizadas nas fábricas, e estão previstas mais rodadas de negociação durante esta semana. Portanto, agora é a nossa vez: queremos aumento real nos salários e pisos, redução da jornada, sem redução dos salários, auxílio creche no valor do piso para filhos até seis anos e eleição de delegados sindicais e comissão de fábricas!



Assembleia dos trabalhadores em 20/08



FGTS: perdas dos trabalhadores chega a 88,3%

Desde maio, várias ações correm na Justiça, mas nenhuma passou da primeira instância. Ou seja, ainda não há sentença final favorável aos trabalhadores

Até 1999, o FGTS era corrigido pelo IPCA (Índice de Preço ao Consumidor Amplo), quando passou a ser corrigido pela TR. Atualmente, o Fundo é corrigido mensalmente pela TR mais juros de 3% ao ano.

Ocorre que a TR há tempos deixou de ser o índice ideal para aplicação nas correções, uma vez que ao contrário da inflação que só cresce, o seu rendimento está praticamente zerado. Em 2012, por exemplo, a correção das contas do FGTS foi de 3% e a inflação foi de 5,8%. Dessa forma, desde 1999, os trabalhadores já perderam nada menos que 88,3% na correção do FGTS.

Não se precipite, mas fique ligado!

Desde maio, várias centrais sindicais como Força Sindical, CUT, Conlutas e CTB entraram com ações individuais na Justiça, cobrando inclusive dos trabalhadores as despesas iniciais, mas até agora nenhum processo passou da primeira instância. Há agravantes: a Caixa Econômica Federal já informou que não tem como aplicar as correções, o que lhe custaria bilhões de reais, e, se os valores do FGTS forem corrigidos também haverá correção para os financiamentos da casa própria, cujas prestações são corrigidas pelos índices do

FGTS.

Nosso Sindicato, através do departamento jurídico, está analisando a melhor forma de elaborar o processo, com todos os pressupostos processuais e tributários, a fim de conseguir levar o processo à análise do STF.

Analisaremos também a possibilidade de a ação enquadrar todos os metalúrgicos de nossa base territorial, sendo que em um primeiro momento não seria necessário ter a procuração individual, nem a cobrança da taxa hoje cobra-

da pela Força Sindical, por exemplo.

Assim que definirmos a questão do processo, todos serão informados.



Boas Vindas

A saúde pública precisa de mais médicos e de mais infraestrutura

Não é preciso morar nos grotões do Brasil para perceber que a saúde pública é deficitária. De norte a sul do país, faltam médicos e remédios, os postos de saúde estão sucateados e os hospitais e os leitos são insuficientes. Há longas filas inclusive para atendimentos de urgência. Segundo o próprio governo há 1,8 médico a cada mil habitantes, número baixo quando comparado a Argentina (3,2) ou Espanha (4), e baixíssimo se comparado a Cuba (6,4).

Embora numericamente pareça que a maioria dos médicos prefira atuar nas regiões sul e sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), e não se disponha a se deslocar às áreas mais remotas do norte e do nordeste, aqui mesmo na nossa região quem depende do serviço público de saúde sofre muito além da doença.

Para tentar amenizar o caos na saúde pública e preencher as vagas abertas pelo governo, mas rejeitadas pelos profissionais brasileiros, mais de 15 mil médicos e médicas de 65 países devem chegar ao Brasil para trabalhar.

Os mesmos médicos brasileiros que rejeitaram as vagas, repudiaram a



O médico cubano negro e a intolerância da nossa elite branca

contração dos estrangeiros, alegando que não seriam capazes de atuar em situações de alta complexidade. Isso é verdade, sobretudo pela falta de estrutura, mas também é verdade que no Brasil ainda há muitas mortes por doenças já erradicadas em Cuba, por exemplo, como desnutrição infantil, desidratação e dengue.

Além disso, engana-se quem pensa que só Brasil "importa" médicos. A contratação de profissionais estrangeiros é uma das estratégias utilizadas por muitos países ricos. No Reino Unido, hoje

quase 40% dos médicos registrados são estrangeiros e boa parte vem de países pobres, como Libéria e Haiti, ou emergentes, como a Índia. Nos Estados Unidos, o índice de "doutores importados" é de 25,9%. E a Noruega tem 16,3%.

A volta da "boa aparência"?

A "importação" de médicos causou tanta revolta na categoria que, muito além de questões corporativas, a recepção às médicas e médicos cubanos acabou escancarando preconceitos e racismo.

Diferentemente da recepção aos médicos formados no exterior (brasileiros e estrangeiros), e ao contrário da maioria dos países onde atuam e receberam as boas vindas, no Brasil os médicos cubanos desembarcaram sob vaias e todo tipo de manifestações racistas. Enquanto colegas de jaleco os xingavam de escravos nas ruas e aeroportos, em rede social uma jornalista do Rio Grande do Norte declarava que "as médicas cubanas têm cara de empregada doméstica" e duvidava que elas fossem realmente profissionais de saúde, disseminando mais discriminação, preconceito, racismo e ódio de classe.

